

# Uma discussão acerca dos conceitos de civilização e barbárie em Euclides da Cunha e Domingo Sarmiento

Tabatha de Faria Fernandes\*

## RESUMO

O presente artigo propõe, através de estudo bibliográfico, analisar o conceito de civilização e barbárie apresentado por dois autores do século XIX, Euclides da Cunha e Domingo Faustino Sarmiento, cada qual em seu contexto, porém ambos influenciados por ideais Iluministas em voga na época. Utilizou-se como referencial teórico, principalmente, as obras: **Os Sertões**, de Euclides da Cunha, escrito em 1902, e **Facundo: Civilização e Barbárie**, de Domingo Sarmiento, escrito em 1845.

**Palavras-chave:** Civilização e barbárie; Formação da nação; Influência iluminista.

No século XIX, temos inúmeros questionamentos e com eles inúmeras explicações para as grandes questões da humanidade, então em voga. Com o Iluminismo e o Positivismo em alta, temos a missão civilizadora em toda sua potência trazendo a luz da cultura e da ciência. E, como uma das maiores discussões entre os estudiosos e líderes políticos da época, o Imperialismo do século XIX com seu ideal de levar aos povos bárbaros a civilização, até então restrita à Europa Ocidental.

É nesse contexto que trabalharemos com Domingo Faustino e Euclides da Cunha, ambos intelectuais de sua época que tiveram contato com as ideias Iluministas em especial Francesa, que suplantaram suas fronteiras. O primeiro, vivendo na atual Argentina, havia viajado para a Europa durante algum tempo e educado na escola francesa, a acompanhou por longos anos. O segundo, militar e intelectual brasileiro, foi marcado pelo Positivismo – corrente filosófica da época –, pelo determinismo e pelas teorias darwinistas, que ficaram implícitas em sua obra.

---

\* Graduanda em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, bolsista PROUNI.

Embora em localidades distintas, ambos sofreram as mesmas influências, em países que durante muito tempo foram colônias europeias, e tentaram expressar a construção da nação em seus países e também o homem característico dos pampas e do sertão, demonstrando como esse homem foi totalmente influenciado pelo meio em que estava inserido.

### **Euclides da Cunha, Domingo Sarmiento e seus escritos**

Nascido em Cantagalo, Rio de Janeiro, em 1866, Euclides da Cunha teve uma vida marcada por diversas e constantes incursões pelas mais variadas regiões do país, tendo sido, ao longo de sua vida, escritor, sociólogo, repórter jornalístico, historiador, geógrafo, poeta e engenheiro. Como intelectual que se tornara, Euclides da Cunha chegou a ser eleito, em 21 de setembro de 1903, para a cadeira sete da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Valentim Magalhães, sendo recebido, em 18 de dezembro de 1906, pelo acadêmico Sílvio Romero.

Em 1886, tornou-se cadete, mas, por desentendimentos com oficiais, foi expulso do exército pelo imperador D. Pedro II, em 1888, quando, então, viajou para São Paulo e começou a colaborar no jornal **A Província de São Paulo** que, após a Proclamação da República, em 1889, se tornaria **O Estado de São Paulo**. Em 1889, volta para o exército como engenheiro e, em 1897, é convidado pelo editor do **O Estado de São Paulo** para fazer a cobertura da Guerra de Canudos, após ter escrito um artigo para esse periódico sobre o conflito.

Em consequência de ter passado tanto tempo no sertão, cobrindo bem de perto a Guerra de Canudos e tomando nota dos fatos, é que Euclides da Cunha pôde escrever sua obra-prima.

Em seu livro **Os Sertões**, Euclides, muito além de apenas descrever a Guerra de Canudos, vai caracterizá-la. Utilizando-se do Positivismo e do Evolucionismo social em expansão na Europa, Euclides vai traçando o perfil do sertão e do sertanejo, para somente depois trazer à tona a Guerra como se deu.

Assim também foi com Domingo Faustino Sarmiento Albarracín, autor de **Facundo: civilização x barbárie**. Nascido em 15 de fevereiro de 1811, em San Juan, e morto em 11 de setembro de 1888, em Assunção, Sarmiento foi jornalista, escritor e político na Argentina.

Sarmiento integrou o chamado Exército Grande, que derrubou Rosas em 1852. Na década de 1860, tornou-se governador de sua província natal, San Juan, e, depois, embaixador da Argentina junto aos Estados Unidos.

Durante sua presidência, concluiu-se a Guerra do Paraguai, na qual a Argentina anexou, à custa do Paraguai, o território que correspondia à província argentina de Formosa. Em 1874, Sarmiento entregou a presidência ao seu sucessor, Nicolás Avellaneda. Posteriormente, Sarmiento iria se opor ao regime conservador e excludente liderado pelo general Julio Argentino Roca e seus últimos anos de vida foram de contestação política e intelectual.

Domingo Faustino, assim como Euclides da Cunha, também vai primeiramente traçar o perfil dos pampas argentinos e nos expor a figura do gaúcho que habitava os pampas. Somente depois de traçar esse perfil é que Faustino nos apresenta seu objetivo, que é o seu projeto civilizador como político e caudilho que era, trazendo parte da história da Argentina no seu pós-independência.

Também um intelectual, Domingo Faustino viajou por várias partes do mundo, inclusive a Europa, onde por ter estudado em uma escola francesa teve contato com os ideais iluministas da Revolução, explícito em seu livro **Facundo**.

Assim, podemos concluir que ambos os autores, apesar de escreverem em contextos diferentes: os sertões do Império do Brasil e os pampas da Argentina, traduzem em suas obras citadas um só objetivo: o projeto civilizatório. E como intelectuais e homens influenciados pelo seu tempo descrevem o homem como fruto do meio, demonstrando as especificidades de cada local como consequência do colonialismo latino-americano e a civilização e a barbárie que tornam excêntricos a formação destas nações.

### **A influência do pensamento Iluminista e Positivista**

Pretendo demonstrar, nesta parte do artigo, a importância da influência europeia do que Jorge Coli chama de “maravilhoso científico” e o “determinismo das ações”, na escrita de Sarmiento e de Euclides da Cunha.

Na leitura dos textos, podemos perceber que, enquanto temos Euclides da Cunha permeado pelo Positivismo, pelo Determinismo e pelas teorias evolucionistas de

Darwin, em Sarmiento o que vigora são os ideais iluministas da escola Francesa. Ambos os ideais surgem na Europa Ocidental do século XIX.

Sarmiento, intelectual a par de sua época, viu de perto os ideais que circundavam a Europa naquele momento. Após ter viajado por várias partes do mundo, Sarmiento volta à Argentina, permeado de influências diversas e, como político, adota algumas máximas, como em seu projeto político, em que a busca do progresso era o ponto fundamental, e para progredir era necessário civilizar e educar. Ele também pertenceu à geração de 1837 em que grandes nomes se destacaram na política da época.

Todos acreditaram nos poderes supremos da razão: mais que sangue, corria-lhes pelas veias o Iluminismo francês. O racional legitimava os sonhos, as esperanças; a razão devia reger as sociedades humanas e portanto eles, os portadores da razão nesse rincão remoto que era o Prata naquele tempo, acreditavam-se chamados a ajustar a sociedade à razão. Frente às massas incultas, irracionais, condutoras inconscientes do vírus colonial, a elite intelectual devia empunhar as armas da razão e repartir as cutiladas correspondentes. (POMER, 1983, p. 15).

Já Euclides da Cunha, apesar de não ter estudado no exterior como Sarmiento, foi aluno de Benjamin Constant Botelho de Magalhães, ainda em 1883, no Colégio Aquino, que muito influenciou sua formação introduzindo-o à filosofia positivista. Em 1885, ingressa na Escola Politécnica e, no ano seguinte, na Escola Militar da Praia Vermelha. Vindo da França, o ensino militar juntou suas características com o treinamento da Matemática e da Física. Pensava-se que essa combinação prepararia as melhores mentes cartesianas, prontas para construir pontes, comandar exércitos e dirigir a economia. Tendo bases nesse ensino, Euclides da Cunha torna-se militar, posteriormente engenheiro da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo e, por fim, como jornalista, escreve para o jornal **O Estado de São Paulo**.

Euclides da Cunha também era adepto das teorias raciais contemporâneas, anteriormente esboçadas, às quais poucos pensadores latino-americanos souberam resistir, como o cubano José Martí e o brasileiro Manuel Bonfim.

Portanto, Euclides e Sarmiento, como intelectuais e militares, além de serem influenciados também se propuseram a influenciar com sua escrita, aqui trabalhada.

### **O sertanejo e o gaúcho: Frutos do meio**

No capítulo dois de seu livro, **Os Sertões**, Euclides da Cunha remete à origem do sertanejo, o homem que habita o sertão e, para isto, ele vai remontar à colonização

brasileira. Euclides caracteriza o homem que permaneceu no litoral durante a colonização, e aquele que adentrou o território, relacionando ainda a mestiçagem que ocorre tão fortemente entre portugueses e africanos com os nativos.

Segundo Euclides da Cunha:

A formação da população sertaneja é bastante original. Após os primeiros sertanistas dominarem e escravizarem os silvícolas, veio o cruzamento inevitável. Surgiu logo uma raça de caboclos puros, quase sem mistura de sangue africano. Isolados no sertão, o temperamento aventureiro do colono e a impulsividade do indígena conservaram seus atributos, mantendo hábitos antigos. (CUNHA, 2009, p. 47).

Assim Euclides classifica dois tipos de mestiçagem. Uma construída a partir da cultura da cana de açúcar, em que os africanos se estabelecem mais próximos do litoral, constituindo-se os mulatos<sup>1</sup>. E outra formada pelos europeus que adentraram o território, os caboclos<sup>2</sup>.

O sertanejo é antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. [...] O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. [...] Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. [...] Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. (CUNHA, 1963. p. 94,95)

Os mestiços, sobretudo os mulatos, eram julgados de modo particularmente pessimista, já que neles, os aspectos negativos dos povos formadores do Brasil se acumulavam. Valeu-se de uma estratégia tomada do arsenal do próprio Evolucionismo para proporcionar, pelo menos, uma possível reabilitação do sertanejo, esse mestiço especial, bem diferente dos outros, a quem não caberia, ou, quando muito, de maneira muito reduzida, a anterior condenação do cruzamento étnico.

Euclides, a todo o momento, reforça detalhadamente as características do sertanejo e as explicações para tais características. Segundo ele, apesar de sua aparência fraca, além de ser desajeitado, quieto, sem desperdiçar a mais ligeira contração muscular, o sertanejo é um homem forte que aprendeu a guardar suas energias para usá-las no momento exato, de extrema necessidade. Sua aparência engana: é um guerreiro.

<sup>1</sup> Entenda mulato como a mestiçagem entre brancos e negros.

<sup>2</sup> Entenda caboclo como a mestiçagem entre brancos e índios.

O sertanejo foi criado tendo, sobre a cabeça, como ameaça permanente, o sol. O sol o acostumou a períodos sucessivos de devastações e desgraças, e o fez atravessar a mocidade numa sucessão de catástrofes. Ele se faz homem, quase sem ter sido criança. É um condenado à vida, envolvido em combate sem tréguas. (CUNHA, 2009, p. 52).

Fêz-se forte, esperto, resignado e prático. (CUNHA, 1963, p. 97).

Em contrapartida, temos o gaúcho de Domingo Sarmiento. O gaúcho, habitante dos pampas, é quase um selvagem que, assim como o sertanejo, vai refletir o local em que vive. Também podendo equiparar-se com o sertanejo, o gaúcho vive muito isolado, na solidão das imensas planícies gaúchas. Era de extrema importância o tipo de trabalho que ali vigorava. A criação extensiva de gado exigia pouca força de trabalho, assim era pouco o trabalho livre disponível nas planícies do Prata.

Era inimaginável colocar ao cuidado de um servo ou um escravo rebanhos que pastavam em meio de gigantescas soledades, onde a possibilidade de escapar à férula do patrão era permanente. O tipo de produção de criação de gado, o meio geográfico e a ausência de povoação geraram um trabalhador livre cujo salário consistia em alimentos, couros, alojamento e ocasionalmente dinheiro. É esta a sociedade desagregada que descreve Sarmiento, com seres humanos relativamente escassos espalhados sobre imensas extensões, afastados entre si e com núcleos de sociabilidade limitados aos armazéns de campanha chamados pulperías. Obviamente a luta contra a hostilidade do meio e a própria natureza das atividades de criação de gado fizeram com que aqueles homens desenvolvessem habilidades das quais o manejo da faca, a destreza com a cavalgada e o domínio do laço e das boleadeiras foram as principais. (POMER, 1983, p. 11-12).

E é a partir dessas características que Sarmiento aponta, acerca do gaúcho dos pampas, as dificuldades de se evitar a marginalização desse homem. Sarmiento diz que o câncer que corroía o país era o latifúndio, já que, segundo ele, a criação extensiva de gado, com suas limitações em inserir a população no trabalho assalariado, fazia com que muitos vivessem marginalizados, sendo que lhes era tirado o acesso a qualquer propriedade. Assim, muitos viviam na vadiagem, vagando pelas planícies desertas e muitas vezes tendo que roubar para ter o que comer.

É a partir desse cenário que Sarmiento traz uma de suas convicções para a solução deste problema de tamanha complexidade. Segundo ele, a Argentina deveria ser povoada com a vinda “[...] de imigrantes qualificados que ensinassem os nativos, ou que acabassem por neutralizar seus ‘vícios’.” (POMER, 1983, p. 12).

Apesar de algum tempo depois perceber que esse plano de povoar não traria grandes soluções para seu problema, Sarmiento percebe que é na cidade que temos a solução para se acabar com a barbárie tão presente nos pampas argentinos.

## Civilização e barbárie: Cidade x Campo

Muito em voga no século XIX, o mito civilizatório foi utilizado por muitos autores. Podemos nos remeter à Europa do século XIV, quando temos o início da idade moderna, com o refinamento da sociedade e a partir daí, essa “cultura” vai criar raízes se tornando uma civilização em toda a Europa Ocidental.

Com a chegada ao novo mundo no século XVI, muitos questionamentos e conceitos vêm à tona. E a Europa, com seus conceitos de civilizatórios, se vê como uma cultura superior, e apta a educar e civilizar esse novo mundo.

O tema “civilização e barbárie” tratado por Euclides da Cunha e por Domingo Sarmiento é, ao mesmo tempo, uma crítica e uma forma de reforçar esse ideal civilizatório. Sergio Paulo Rouanet escreve um artigo em 2002 com o seguinte título: “O sertão da dialética negativa”. Nesse artigo, ele demonstra como Euclides da Cunha trabalha esses conceitos no livro **Os Sertões**.

Segundo Rouanet, ainda com Hegel (1770-1831), temos a clássica dialética que é composta por tese, antítese e síntese. E nessa dialética fechada não havia possibilidades para que duas coisas permanecessem inconciliáveis. Já com Adorno (1903-1969), temos o surgimento de um novo conceito, a dialética negativa, onde dois pólos podem permanecer contrários sem que haja a necessidade de uma nova síntese. Rouanet prossegue dizendo que é essa dialética negativa que trará à tona as duas faces da modernidade: a repressiva (por ainda carregar consigo elementos irracionais e desumanos) e a libertadora (pela racionalidade).

A partir daí, Euclides da Cunha se aproxima de Sarmiento ao trabalhar com a modernidade na perspectiva da “civilização e barbárie”, quando aponta duas vertentes: “a modernidade enquanto barbárie e a modernidade como força civilizadora”.

Rouanet aponta que a civilização e a barbárie são figuras simétricas: ao mesmo tempo em que se completam, são inerentes uma da outra.

Em **Os sertões** Rouanet aponta essas contradições:

As forças que representavam a modernidade, em Canudos, eram elas próprias arcaicas. O delírio de Canudos tinha uma contrapartida exata na capital. Em Canudos, os jagunços baleavam os intrusos com seus calvionetes; no Rio, os florianistas linchavam transeuntes e empastelavam jornais. Para os conselheiristas, a república era o reino do anticristo; para os cidadãos, Canudos era o centro de uma conspiração monarquista. Para os cariocas, Canudos era a Vendéia; para os jagunços, o Rio era a Babilônia. Os conselheiristas tocavam sinos e cantavam hinos religiosos. As tropas do governo saudavam o aniversário da queda da Bastilha metralhando os jagunços com salvas de 21 tiros e cantando o Hino Nacional. Os dois campos

se interpenetravam. Os soldados e os combatentes do arraial eram idênticos na origem regional, na fala, muitas vezes no vestuário. Sua religiosidade era a mesma. Criados ouvindo lendas sobre os milagres do Conselheiro, os soldados do Norte tinham as mesmas crenças dos jagunços. Havia o mesmo arcaísmo entre os oficiais. Os que tombavam à entrada de Canudos tinham no peito esquerdo uma pequena medalha de bronze com a efígie de Floriano e, ao morrer, saudavam sua memória com o mesmo fervor que os jagunços reservavam ao Bom Jesus. (ROUANET, 2002, p. 5).

Portanto, podemos perceber que inicialmente em seu livro *Euclides da Cunha* trata como bárbaros a população mística de Canudos, e como civilizadas as forças armadas e a capital do país. Contudo, no decorrer da leitura, ambos se misturam. E com isso Euclides nos apresenta dois lados da modernidade; o primeiro necessário e esmagador, bem retratado em sua frase: “Nossa evolução biológica depende da nossa evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, nos civilizando, ou desaparecemos.” (CUNHA, 2009, p. 43). E outro como benéfico, em: “Numa sociedade culta, civilizada, sua neurose explodiria em revolta; seu misticismo, reprimido, esmagaria a razão. Entretanto, num ambiente propício a fanatismos e superstições, sua demência foi considerada normal.” (CUNHA, 2009, p. 58).

Reforçando ainda essa ideia de civilização e barbárie, temos a representação dos locais da cidade e do sertão. Sendo a primeira o local da civilização e os sertões o ambiente da barbárie. Euclides marca sempre a ideia de um lugar inóspito, sem vida, desértico, solitário, quase sem vegetação, sem vida animal e humana. Por seu isolamento, o sertão envolve indivíduos com uma tradição quase intacta, se comparada ao restante do Brasil. Este pouco contato civilizatório e ao mesmo tempo tão forte com a natureza, faz com que o sertanejo assimile as características desta, bruta e sem sentimentos, a barbárie.

Em contrapartida temos a cidade como representação da civilização com todo seu aparato administrativo e burocrático, vista principalmente (como citado anteriormente) pelas forças armadas que tomam Canudos.

Já em Sarmiento, temos a demonstração da dualidade através do gaúcho, em especial os caudilhos, como Juan Manuel de Rosas. Através dessa dualidade, Sarmiento demonstra seu projeto político: educar e civilizar (trazer o progresso), no qual a cidade é que traz consigo o ideal civilizatório. A cidade é o refúgio da civilização. Sarmiento importa esses conceitos da Europa, contudo, ainda em seu livro **Facundo**, deixa claro sua decepção com relação à adequação desses conceitos na região do Prata, podendo exceder para toda a América Latina recém independente.



Na citação seguinte, Pomer esclarece tanto a dualidade da “civilização e barbárie”, como da cidade *versus* campo:

[...] se Buenos Aires constituía inquestionavelmente um tentáculo da Europa no Prata, com Córdoba não acontecia o mesmo. [...] Sarmiento, que queria ser um Tocqueville – em seu *Facundo* o confessa – para entender melhor a sociedade argentina, enalteceu o papel civilizador das cidades, mas enfrentou perplexo este fato: a melhor de todas elas, a mais europeia e adiantada, a Buenos Aires de homens cultos e de fraque, acolheu em seu seio e aceitou durante muitos anos seu odiado Juan Manuel de Rosas. (POMER, 1983, p. 13).

As cidades argentinas tem a fisionomia regular de quase todas as cidades americanas; suas ruas cortadas em ângulos retos, sua população disseminada em uma ampla superfície, se se excetua Córdoba, que edificada num pequeno e limitado recinto, tem todas as aparências de uma cidade europeia, [...]. A cidade é o centro da civilização argentina, espanhola, europeia; [...]. O deserto circunda-as mais ou menos a distância, cerca-as, oprime-as; a natureza selvagem redu-las a uns estreitos oásis de civilização encravados numa planície inculca de centenas de milhas quadradas, apenas interrompida por uma que ouve outra vila de importância. (SARMIENTO, apud POMER, 1983, p. 43)

Juan Manuel Rosas e o próprio Sarmiento incorporam a dualidade, em que eles são, ao mesmo tempo, caudilhos<sup>3</sup>; Rosas, em especial, é um caudilho sanguinário, e também o homem da cidade, o político que trará a civilização e que representa a civilização para a nação Argentina.

#### **A formação da nação<sup>4</sup> brasileira e da argentina segundo os respectivos autores**

Construir uma nação civilizada era o projeto político e o maior objetivo de Domingo Faustino Sarmiento. Contudo, ao tentar implantar um modelo civilizatório importado da França na Argentina recém-independente e com características tão peculiares, Sarmiento acaba fracassando. A ideia de construir uma nação moderna sobre as bases de uma colônia era retrógrada, a ponto de citar uma famosa frase sua, em que ele se pergunta o que fazer com a Argentina herdada da colônia: “Em teoria, já o

<sup>3</sup> Entenda aqui por Caudilho um líder político e muitas vezes também militar característico do século XIX.

<sup>4</sup> Entenda nação, segundo Sarmiento como não “apenas aglomerações de vontades unidas pelo território, pelas tradições, língua, instituições, etc.; outras condições exteriores devem preencher para poderem subsistir tranquilas e respeitadas pelas demais nações da Terra. Essas agregações ou sociedades de homens necessitam dispor de um grau de força para não serem dominadas pelos poderes exteriores, toda vez que seus interesses os ponham em divergência. É um fato novo, recente na história do mundo, que toda proteção moral do direito das gentes tenha cessado para os Estados pequenos; e todas as nações estão montando, digamos assim, sobre um pé de trinta milhões de habitantes para cima. Apenas sob essa condição podem suportar os gastos de segurança externa em marinhas couraçadas, em exércitos de meio milhão de soldados.” (POMER, 1983, p. 66). Entenda-se, ainda, como o sentimento de pertencimento.

sabemos: educar, educar, educar. Na prática de governo [...] o educar pode se transformar em reprimir, reprimir, reprimir.” (POMER, 1983, p. 18). Sarmiento conclui que:

A Argentina se organizou como Estado nacional deixando quase intatas as estruturas coloniais; sobre elas traçou o mapa da modernidade: as ferrovias, os bancos, os telégrafos. O ‘deixar passar’ com absoluta liberdade de manufaturas importadas liquidou os artesanatos nativos; o ‘deixar fazer’ a política dos grupos dominantes impediu a construção de uma indústria nacional. Tudo se voltou para fora. As vacas e as colheitas tiveram destino certo: a exportação. Os benefícios ficaram exclusivamente em proveito dos donos do poder, esses mesmos cuja brutalidade e luxos de nababos tantas vezes fustigaram Sarmiento. (POMER, 1983, p. 20).

Ou seja, apesar do ideal de Sarmiento de trazer a civilização sobre a barbárie e a partir daí montar a nação argentina, ele esbarrou nos interesses pessoais das grandes potências<sup>5</sup> e também nos interesses pessoais dos grandes latifundiários, em sua maioria, caudilhos, donos de grandes latifúndios. Assim, com a intenção de manter o *status quo*, temos a formação “parcial” da nacionalidade argentina, onde a massa da população inculta permanece a par desse sentimento nacional. E somente aqueles letrados, a pequena parcela educada da sociedade (em sua maioria nobres, espanhóis e caudilhos), é que vão tomar para si o sentimento nacional.

Em contrapartida, a grande questão da formação nacional brasileira, segundo Euclides da Cunha, vai se basear na miscigenação do povo brasileiro. Euclides da Cunha e Sarmiento se encontram nesse tópico por ambos citarem na formação nacional que o problema relacionado à colonização é a miscigenação<sup>6</sup> (a mistura de povos – europeus, nativos, e no Brasil a inserção do negro, inclusive) e também o ideal civilizatório na construção dessa nação.

Euclides da Cunha nos traz a nação brasileira como algo muito complexo, a ponto de, dificilmente, esta, de fato, ter um sentimento comum. Fica claro em sua fala: “Ou seja, não há um tipo étnico ‘brasileiro’.” (CUNHA, 2009, p. 45). Assim, podemos concluir que, para Euclides da Cunha, na verdade, a nação brasileira não existia, mas sim um amalgamado de pessoas com a mesma localização, língua e até hábitos, que, na verdade, é “uma mestiçagem complexa e desigual.” (CUNHA, 2009, p. 45). Sendo o

<sup>5</sup> Entenda-se Inglaterra, principalmente.

<sup>6</sup> Entenda-se por miscigenação não somente a mistura de raças através das relações estabelecidas, mas também como vários povos completamente distintos que vão compor uma só nação.

sertanejo que tratamos ao longo deste texto uma sub-raça dessa mestiçagem, ainda segundo Euclides da Cunha.

### **Considerações Finais**

O objetivo último do trabalho foi comparar duas obras escritas por dois grandes autores do século XIX, que apesar de localizadas em diferentes espaços, cada qual singular, foram frutos do meio. Um meio permeado por teorias, cientificismo, mudança da dinâmica econômica, novos valores, cultura, questionamento político, a formação das nações recém-independentes; um novo mundo que o século XIX trás, condenado à civilização.

## A discussion of the concepts of civilization and barbarism in Euclides da Cunha and Domingo Sarmiento

### ABSTRACT

This article proposes to analyze, through a bibliographic study, the concept of civilization and barbarism presented by two nineteenth-century authors, Euclides da Cunha and Domingo Faustino Sarmiento. Although their works dealt with different contexts, both of them were influenced by Enlightenment ideals in vogue. For this paper, we have used as a theoretical framework the novels **The Barrens**, written by Euclides da Cunha in 1902, and **Facundo: Civilization and Barbarism**, written by Domingo Sarmiento in 1845.

**Keywords:** Civilization and Barbarism; Formation of the nation; Enlightenment Influence.

### REFERÊNCIAS

COLI, Jorge. **Os Sertões, 100 anos**: “A epopeia fin-de-siècle”. Folha de São Paulo, São Paulo, 01/12/2002.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de canudos. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Adaptação de Ivan Jaf. 1.ed. São Paulo: Ática, 2009.

POMER, León (Org.). **D. F. Sarmiento**: política. São Paulo: Ática, 1983. 208 p. (Grandes cientistas sociais)

ROUANET, Sergio Paulo. **Os Sertões, 100 anos**: “O sertão da dialética negativa”. Folha de São Paulo, São Paulo, 01/12/2002.

SARMIENTO, Domingo F. **Facundo**. Cuba: Casa de las Américas, 1982.

SCLIAR, Moacyr. **Os Sertões, 100 anos**: “Metamorfoses das raças”. Folha de São Paulo, São Paulo, 01/12/2002.

VENTURA, Roberto. **Os Sertões, 100 anos**: “Euclides Conselheiro da Cunha”. Folha de São Paulo, São Paulo, 01/12/2002.